

Célia Carmen Cordeiro. *Ana de Castro Osório e a mulher republicana portuguesa: veículo de regeneração da nação e de preservação da identidade nacional* (prefácio de Fátima Sequeira Dias). Lisboa: Fonte da Palavra, Instituto Camões, 2012.

Leonor Sampaio da Silva
Professora da Universidade dos Açores

O livro de Célia Cármen Cordeiro integra-se numa corrente de escritos académicos sobre as mulheres que, tendo sido iniciada de forma sistemática nos anos 70 do século XX, contribuiu para o arranque de uma nova visão da cultura, agora enquadrada na intenção de conferir visibilidade às minorias e analisada na sua articulação com o poder. Estes estudos permitem-nos a um só tempo conhecer o ambiente social de uma dada época e o contributo das mulheres para a mudança social.

Assim acontece com este livro, cujo interesse não se esgota no facto de nos recordar o percurso de Ana de Castro Osório e o seu exemplo cívico e literário. Além de convidar a uma reflexão sobre o nosso quotidiano, ainda fortemente impregnado de práticas e valores que refletem situações de discriminação, estereótipos e preconceitos contra as mulheres, *Ana de Castro Osório e a mulher republicana portuguesa* interessa também pelo modo como se procura descobrir por trás das palavras literárias o ambiente histórico e os constrangimentos que ele exerce sobre o pensamento progressista. Com efeito, um dos méritos desse estudo é o modo como a sua autora vai sabendo articular o pensamento social de Ana de Castro Osório, patente nos ensaios,

com o universo histórico e com os ambientes ficcionais da obra narrativa. Os contos, novelas e romances, raramente estudados ou mesmo lidos entre nós por serem obras muito datadas, são aqui lembrados por neles assomar uma pretensão frequente em muitos textos e autores: a de usar a ficção como instrumento de verificação literária dos resultados das ideias sociais uma vez transpostas para o plano prático.

É assim que, a propósito da mulher estudada, nos deparamos com a atmosfera literária e social do Portugal do início do século XX, onde a despeito do grande poder da tradição, havia quem procurasse difundir, mesmo que tardiamente em comparação com o exemplo europeu, argumentos consistentes a favor da emancipação da mulher ao patamar de cidadã livre e companheira atuante na vida familiar. Se bem que a partir de meados do século XIX estes testemunhos já vão aparecendo episodicamente na imprensa portuguesa, só por volta de 1905 eles conhecem uma expressão significativa, quando Ana de Castro Osório lança aquele que costuma ser citado como o primeiro manifesto feminista português.

Nesta publicação, a autora revela ser uma voz destemida e informada, empenhada na causa feminista, afinando a sua argumentação pelos princípios que haviam sido expressos por outras antes dela. Nisto, ela revela-se a par das solicitações do seu tempo. Portugal precisava de vozes assim, pois preparava-se para entrar numa era republicana, laica e industrial. No entanto, depois de implantada a república, ela inflete num rumo que a distancia dos corredores do poder e a leva a refugiar-se crescentemente na literatura como meio de refletir sobre a condição da mulher na sociedade e na família.

É precisamente esta fase no percurso de Ana de Castro Osório que é pouco conhecida e que o livro de Célia Cordeiro dá a conhecer. A estrutura do trabalho obedece a um fio condutor que nunca nos faz perder de vista a sua tese central – a ideia de que o feminismo de Ana de Castro Osório apresenta uma expressão moderada, caracterizada por uma reivindicação principal (a educação igualitária), e que tanto o carácter moderado deste pensamento como a prioridade que ele apresenta constituem um reflexo inevitável do ambiente histórico da época, bastante hostil ao desenvolvimento de expressões mais robustas da emancipação feminina.

Para melhor se compreender a influência do contexto, cada capítulo

antepõe à questão principal um conjunto de considerações introdutórias que nos remetem para o ambiente histórico. Esta é uma constante ao longo das páginas, obedecendo muito claramente a uma lógica de particularização crescente dos assuntos que, desde a Introdução, nos vai apresentando os nós de intersecção entre autores nacionais e estrangeiros, factos e interpretações, leituras, desafios e respostas num país em mudança.

Apresentados os nexos mais relevantes com as ideias do tempo, cada capítulo foca um aspeto particular da figura em análise. No primeiro, exploram-se as razões que levam a que a educação se assuma como um pilar de sustentação do ideário feminista português. No segundo, explica-se em que bases se apoia a relação entre a condição cívica das mulheres e o desenvolvimento da sociedade. É aí que mais claramente nos apercebemos do cariz conservador do pensamento de Ana de Castro Osório, o qual é ilustrado através de várias passagens da sua obra, que vai progredindo no sentido de um maior alinhamento com preocupações relacionadas com a mulher burguesa. No terceiro e último capítulo, é analisada a atitude de Ana de Castro Osório perante uma das preocupações do seu tempo – a chamada *degeneração da raça lusa*. Não falta a indicação das soluções propostas para erradicar este mal e proceder à higienização física e moral da população, sempre num quadro de atenção especialmente dirigida à missão da mulher casada, e tendo em conta o peso ideológico das convenções sociais no Portugal republicano.

Este livro discorre ainda sobre a fronteira na qual o republicanismo se encontrou com o feminismo, considerando tanto as aproximações como os afastamentos entre os dois. No seu esforço de relações múltiplas, mantém um diálogo constante com diversos nomes do panorama cultural português, desde os influentes pedagogos setecentistas Ribeiro Sanches e Luis António Verney, até figuras centrais do século XIX, como Mouzinho da Silveira, Almeida Garrett, Antero de Quental e Eça de Queirós.

Célia Cármen Cordeiro oferece, assim, uma leitura necessária a todos quantos se interessam pelo tema da emancipação feminina em Portugal: levamos ao convívio com uma personalidade forte e arrojada das letras e das ideias portuguesas; dá um contributo central para a compreensão das dificuldades e das contradições nos primeiros tempos da causa feminista; desenha a trajetória de um pensamento constrangido pelas malhas da sociedade,

mostrando bem o peso das instituições no moldar da consciência individual; e comprova o valor da literatura como documento cultural e testemunho não só de quem escreve, mas do tempo e do povo para que se escreve.

Escrito com clareza e rigor, sem a ossatura pesada do esqueleto científico, que existe como sustentáculo do discurso, mas que é usado num registo acessível e transparente, sem tecnicismos nem paratextos pesados, a primeira publicação de Célia Cordeiro contém ainda o último texto publicado de Fátima Sequeira Dias, autora do prefácio. Acompanhando a expectativa da prefaciadora, aguardemos a resposta de Célia Cordeiro ao desafio de descobrir outras feministas, desta feita, no panorama das letras açorianas.